

Joaquim Guedes

mínimo denominador comum



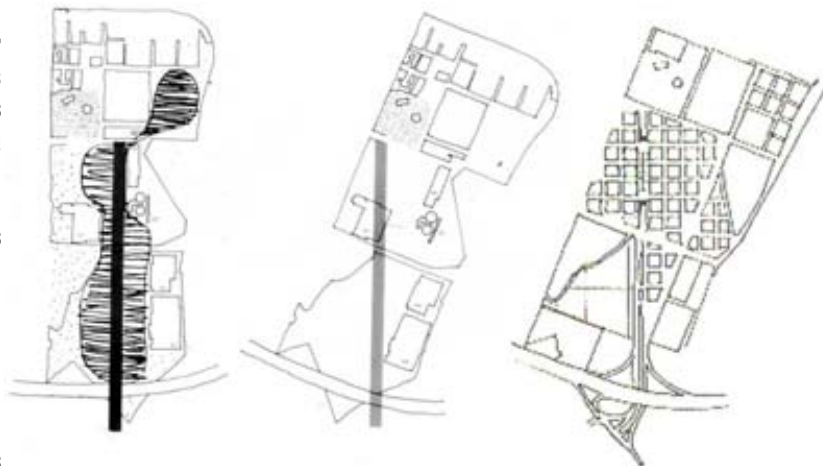
**Lina Bo Bardi e Roberto Sambonet (participações especiais)
M. Ré, M. Tanaka, B. Padovano, H. Vignella e equipe (colaboradores)**

**Projeto Bicocca
Milão, Itália
projeto: 1987**

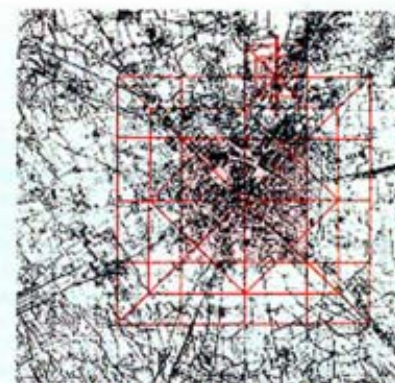
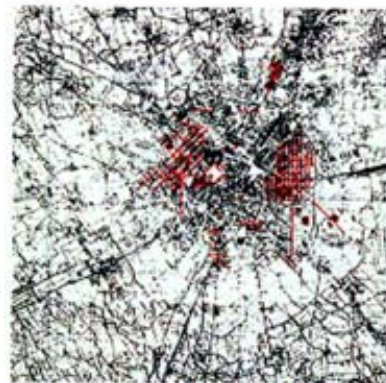
“A Bicocca era uma imensa área industrial e histórica a 5 km do centro de Milão pertencente à Pirelli, murada, abandonada e degradada. O aproveitamento era muito baixo, 0,4. Seu desenvolvimento para padrões de utilização mais alto e compatíveis com as possibilidades, mercados e atividades atuais era politicamente difícil. A Prefeitura e a região da Lombardia não permitiriam modificar os antigos pactos urbanos de um bairro histórico. Era preciso partir do zero, refuncionalizar e requalificar implantando novos usos, ocupações e aproveitamentos adequados. Não apenas era preciso inventar novos sistemas de espaços para novas funções urbanas, mas pensar a operação urbana e a maneira de atuar dos diversos agentes. Era preciso negociar como o poder público e repactuar direitos com a sociedade milanesa oferecendo em contrapartidas aceitáveis, como um grande parque que faltava a Milão, limitação da ocupação a 20% mas de acesso e circulação eficientes, aproveitamento das potencialidades e desenho. Pediam-nos projeto para um núcleo especializado em tudo o que se referisse à pesquisa, produção e comercialização de tecnologia de ponta, ambicioso e sofisticado.

Pesquisamos novos padrões de área verde, de rua; diversificados edifícios teriam a altura de vinte ou mais andares. A maioria dos arquitetos que participaram do concurso detalhou programas e projetos de edifícios fixos como se fossem pedidos de um empresário atual. Até hoje continuo pensando que a nossa colocação foi muito avançada. Não se pode fazer projetos de edificações detalhadas, quando se sabe tão pouco sobre as futuras atividades, inter-relações e dependências, características organizacionais, natureza dos fluxos ou natureza e trânsito de informações. É preciso desenho aberto à contribuição de todos os agentes, à medida que se implanta.

Foi então que me pareceu importante identificar os pontos fixos do projeto: os limites da gleba, os investimentos em infra-estrutura, com a grande rodovia transeuropéia ao sul, futuro metrô e estrada de ferro a leste, a limitação aérea pelo aeroporto militar vizinho, a dezessete pavimentos, os edifícios e ambientes de preservação obrigatória, muitos originários da proto-implantação industrial de Milão, verdadeiras relíquias, e a partir daí, fazer um projeto isonômico de máxima liberdade. Por causa da limitação de altura – sabíamos que a Prefeitura de Milão não veria com bons olhos propostas de densidade e edifícios elevados. Estudamos e adotamos um aproveitamento de 2.400 m²/80ha brutos e uma densidade de ocupação entre 240.000 à 300.000 pessoas. Era já uma revolução, bem acima do que esperavam. Estabelecemos uma altura média em torno de doze pavimentos. Dentro desse volume edificado eram equacionadas e liberadas todas as permutas, para otimizar o empreendimento e levá-lo ao sucesso, inclusive para a localização pontual dos usos do solo finais, características arquitetônicas e densidades, com decisiva participação dos empresários imobiliários e seus arquitetos, que representam e respondem ao imenso mercado de usuários potenciais.



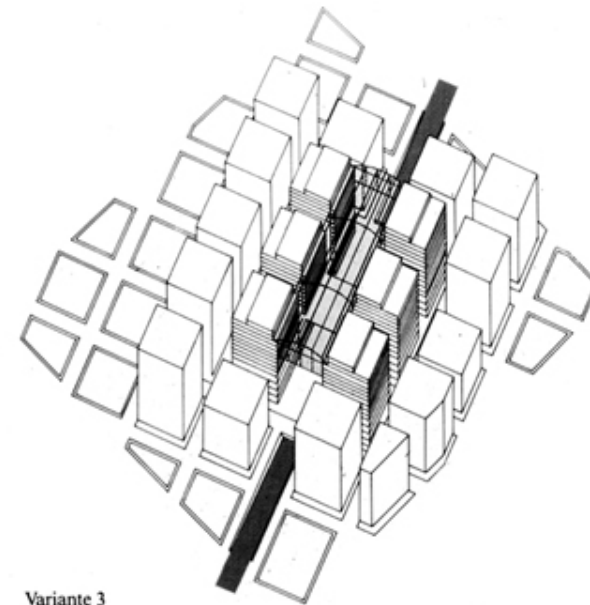
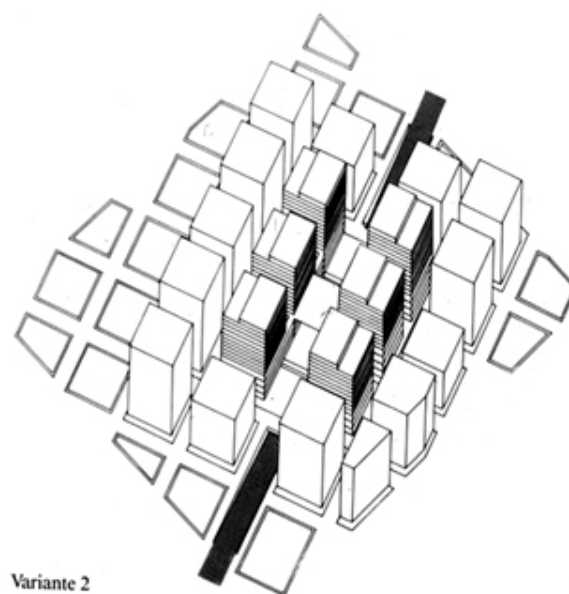
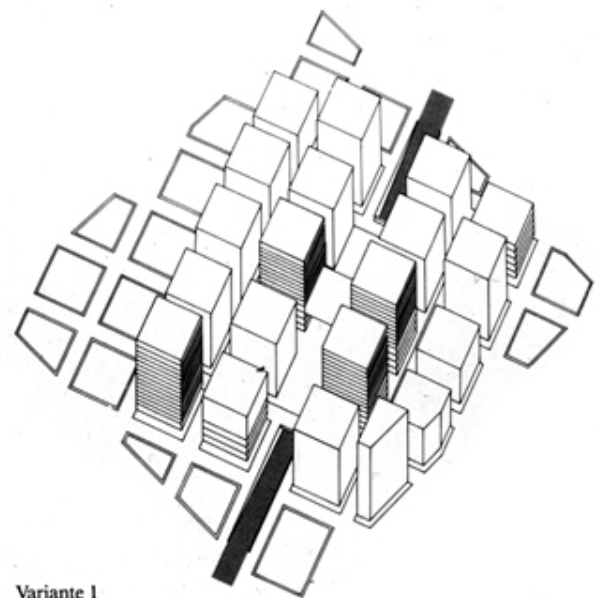
“Milano è una città quadrata”
Roberto Sambonet



Joaquim Guedes
Projeto Bicocca
Milão, Itália

Para a comunicação do Projeto estabelecemos:

1. Nota para uma teoria da operação urbana. Para encontrar as conseqüências, diretrizes e medidas operacionais para transferência da área de 80 ha. à milhares de novos usuário especiais ou especializados e seu séquito de apoio, indefinível no momento do projeto, a ser construídos em 20 anos ou mais por etapas, em suas relações dinâmicas com a cidade.
2. Nota para uma teoria do planejamento da área. Delimitando os diversos problemas relacionados com o sistema viário intra-área e extra-área, acessibilidade, transportes, pedestres, estacionamentos, áreas verdes, índice de ocupação e aproveitamento negageáveis, zoneamento transformável, conceitos relacionando o projeto a Milão e sua historia.
3. Nota para uma teoria do Projeto. Para permitir o desenvolvimento ao mesmo tempo organizado ordenado e livre das arquiteturas com a máxima possível participação dos usuários. Não desenhamos massas, volumes edificados, mas uma trama quadridimensional dinâmica traduzida em imagens por um computador Matra 1986 raro na ocasião em São Paulo, fizemos diversas simulações para provar que não estava ao nosso alcance nem era de nosso interesse discutir, definir ou desenhar os perfiz da superestrutura do Projeto que seria privilegio e responsabilidade única dos promotores, arquitetos e universos de clientes dotados de desejos, projetos e capacidades próprias para faze-los.



Joaquim Guedes
Projeto Bicocca
Milão, Itália

Digo sempre, com muita ênfase, que a cidade são arquiteturas; também costumo dizer, e venho insistindo nisso por razões pedagógicas, que arquitetura são conjuntos de objetos urbanos habitáveis e, portanto, cidade. Não há cidade ou sociedade urbana sem arquitetura. Não há conceitos urbanos se eles não são tornados corpo pela edificação. Tudo é arquitetura e matéria.

Não penso que se possa interpretar o que estou dizendo como algo desinteressado do problema global da cidade; para mim é evidente que pensar arquitetura é pensar construções e edificações que se destinam a atender necessidades urbanas, do homem urbano, da pessoa, e isso impõe a discussão imediata de todas as implicações, exigências e conseqüências da sua efetivação. É pensar o todo.

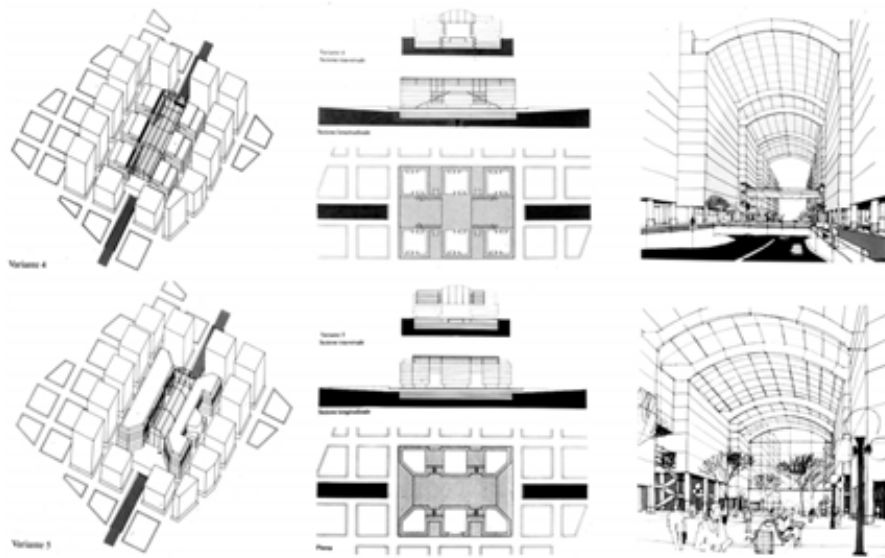
Não acho que se possa fazer de forma alguma uma discussão do urbano global através de índices e gabaritos, como se chegou a mencionar. Quaisquer que fossem os índices, eles sempre teriam que emergir da discussão das atividades, e portanto de dentro de cada edificação. Expressando melhor, diria que a cidade começa quando pessoas decidem morar no mesmo lugar, daí surgem necessidades práticas e necessidades de edificação produzindo espaços e significados novos de natureza social e política. É por isso que construir é preciso – para abrigar; mas construir como, onde, por quê? A construção traz consigo essas perguntas e não existe, dissociado delas, um conceito anterior, abstrato de cidade.

Foram premiados Gregotti, Gabetti e Isola, e Gino Valle. Quando visitamos o terreno, três meses antes da entrega, vimos o projeto de Gregotti com 48 pranchas estava embalado. Alias desde o início o Concurso parecia uma tomada de opinião internacional para dar-lhe respaldo. Nenhum dos estrangeiros foi premiado. Foram convidados Gae Aulenti, Carlo Aymonimo, Mario Botta, Henri Ciriani, Giancarlo De Carlo, Gabetti e Isola, Frank O. Gehry, Gregotti Associati, Joaquim Guedes, Herman Hertzberger, Richard Méier, Rafael Moneo, Gustav Peichl, Renzo Piano, Aldo Rossi, Justo Solsona, O. Mathias Ungers e Gino Valle tendo abandonado o concurso os arquitetos James Stirling e Tadao Ando.

Soubemos pouca coisa na ocasião. Havia informação de que Manfredo Tafuri membro do júri teria perguntado: ...“Mas, por que convidaram Joaquim Guedes?” O que nos deixou pensativos e chateados. O que significa isso? Recentemente, quando da visita do Professor Bernardo Secchi a São Paulo, organizador do concurso e presidente do júri, soubemos que seu relatório recomendava que o Pólo Tecnológico Bicocca, deveria ser construído com os projetos do Gregotti e o nosso, mas que o Gregotti não permitiu que isso fosse declarado. Essa estória ouvi do próprio Secchi, após sua conferencia na 6ª. Bia, e a conto após 18 anos, como fato de concurso. A pergunta de Tafuri teria, ao contrario do que pensávamos, um sentido simpático de indignação.”



Joaquim Guedes
Projeto Bicocca
Milão, Itália



Joaquim Guedes
Projeto Bicocca
Milão, Itália